

**Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Mato Grosso
Cáceres - Mato Grosso - Brasil**

Revista da Faculdade de Educação - Vol. 39, nº 1 (Jan/Dez) 2023
ISSN: 2178-7476



**APRENDIZAGEM COOPERATIVA: UMA EXPERIÊNCIA COM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS
COOPERATIVE LEARNING: AN EXPERIENCE WITH UNIVERSITY STUDENTS**

Lubacha Lopes Amândio Zilhão

PhD em Ciências da Educação com Especialização em Inovação e Currículo

Universidade Púnguè

Chimoio – Moçambique

E-mail: lubachazilhao@gmail.com

RESUMO: O trabalho intitulado “*aprendizagem cooperativa: Uma experiência com estudantes Universitários*” alicerça-se na aplicação da aprendizagem cooperativa como uma metodologia educativa inovadora, com potencial para mudar as práticas nas Universidades Moçambicanas. Um dos maiores desafios colocados ao sistema educativo actual é contribuir para uma sociedade mais justa, onde todos os estudantes tenham acesso à educação e que esta contribua para a sua formação integral. Esta pesquisa foi desenvolvida com estudantes do curso de Licenciatura em Ensino de Química. A pesquisa teve como objectivo contatar quais as percepções que os estudantes universitários têm sobre o uso da aprendizagem cooperativa e quais os benefícios que podem advir dela. A metodológica usada foi a pesquisa-acção que utilizou como instrumentos de recolha de dados o inquérito e o diário de aprendizagem. Os resultados obtidos confirmam a aquisição de competências sociais e melhoria no aproveitamento pedagógico como benefícios associados a aprendizagem cooperativa.

PALAVRAS-CHAVES: Aprendizagem cooperativa; benefícios; competências sociais e interacção.

ABSTRAT: The work entitled “*cooperative learning: An experience with university students*” is based on the application of cooperative learning as an innovative educational methodology, with the potential to change practices in Mozambican Universities. One of the biggest challenges facing the current educational system is to contribute to a fairer society, where all students have access to education and which contributes to their comprehensive training. This research was developed with students from the Degree in Chemistry Teaching. The research aimed to understand what perceptions university students have about the use of cooperative learning and what benefits can come from it. The methodology used was action research, which used the survey and learning diary as data collection instruments. The results obtained confirm the acquisition of social skills and improvement in pedagogical use as benefits associated with cooperative learning.

KEYWORDS: Cooperative learning; benefits; social skills and interaction.

Introdução

Actualmente verifica-se nos estudantes universitários uma perda dos valores ligados à solidariedade, à reciprocidade, à amizade, ao respeito ao próximo, à tolerância e a cidadania. Eles estão cada vez mais competitivos, mais preocupados com eles e menos com os colegas, existe uma grande competição e menos inter-ajuda, entre eles. Lopes & Silva (2009, p. 9) consideram que

“(…) a escola continua a ser uma das instituições sociais que menos se caracteriza pela actividade cooperativa, sendo a competição uma das suas principais características”.

Esta competição, que se verifica entre os estudantes, pode por um lado, ser influenciada pela sociedade em que eles estão inseridos, e por outro lado, pode ser influenciada pelas metodologias tradicionais de ensino, usadas pelos professores durante a leccionação das aulas, que tornam os estudantes competitivos e não cooperativos.

O uso de métodos tradicionais em sala de aula tornam o estudante um agente passivo no processo de ensino-aprendizagem (PEA), não contribuindo para desenvolver, nele, o pensamento crítico, pelo contrário, tornam-no individualistas e competitivos, em vez de o preparar para os desafios e exigências da sociedade. Aguado (2000, p. 133) considera que,

Na estrutura individualista-competitiva que caracteriza as aulas tradicionais, o insucesso escolar costuma aumentar progressivamente, porque as diferenças existentes entre os alunos fazem com que na maioria das turmas, exista um pequeno grupo de alunos que protagonizam quase todas as interacções e êxitos, assim como outro grupo de indivíduos que quase nunca consegue o mínimo êxito ou reconhecimento académico.

Um dos desafios que se coloca às instituições de ensino superior em Moçambique, actualmente, é que elas devem ser capazes de proporcionar aos seus estudantes uma aprendizagem de conteúdos e também o desenvolvimento de competências e atitudes sociais que ajudem e permitam a sua actual e posterior intervenção nas comunidades. Para o alcance deste desafio há necessidade de se imprimir algumas mudanças nas práticas pedagógicas dos docentes. Henning (1994) citado por Lima (2012), considera que a melhoria da qualidade de ensino passa por uma crescente necessidade de mudanças e atualizações nas metodologias de trabalho dos professores em exercício. Portanto, a mudança nas metodologias de ensino, por parte dos professores, poderá contribuir para a melhoria da qualidade do ensino.

Arends (2008) aponta como desafio para os professores do séc. XXI, o facto de terem de direccionar as suas práticas de ensino para uma aprendizagem que contribua para a construção do significado (perspetiva construtivista). O mesmo autor considera que a aprendizagem é uma actividade cultural e social, que o conhecimento é algo pessoal e que os alunos constroem significados através da interacção com os outros.

Delors et al. (1998) considera que a aprendizagem deve assentar nos quatro pilares da educação que são: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver em comum e aprender a ser. (i) aprender a conhecer refere-se à aquisição de saberes codificados, desenvolvendo o espírito crítico e reflexivo; (ii) aprender a fazer, remete para uma aprendizagem com base no incremento de competências e habilidades, como a capacidade do trabalho em equipa; (iii) aprender a viver juntos, implica criar vínculos sociais através da compreensão, do respeito e da gestão de conflitos e (iv) aprender a ser, é uma aprendizagem que tem como objectivo criar estratégias de ensino que

proporcionem o desenvolvimento da auto-regulação no processo de aprendizagem, com autonomia, discernimento e responsabilidade social.

A aprendizagem deve ser também uma actividade social e não uma actividade solitária e individual em que cada aluno se encontra a trabalhar e a aprender sozinho sob o olhar atento do professor. Deste modo, um dos desafios que se tem vindo a colocar à escola é que esta proporcione aos seus alunos uma aprendizagem de conteúdos e também o desenvolvimento de competências e atitudes sociais que ajudem e permitam a sua actual e posterior intervenção na sociedade” (Magalhães, 2014, p. 2).

Esta nova visão do estudante implica a alteração do comportamento do professor, visto que este terá de adaptar as suas estratégias de ensino-aprendizagem ao envolvimento que se espera que ocorra na sala de aula, já que se deixou de considerar o aluno como um ser passivo, mas sim como um ser activo no processo de ensino-aprendizagem, construindo os seus saberes, o que contribui para tornar a aprendizagem mais relevante.

A presente pesquisa surge desta necessidade de mudança nas práticas lectivas dos professores, o que motivou a pesquisadora a aplicar um dos métodos da aprendizagem cooperativa (STAND), durante as suas aulas, com estudantes do ensino superior. A pesquisa tem como objectivos analisar quais as percepções que os estudantes universitários têm sobre o uso da aprendizagem cooperativa como estratégia de ensino e quais os benefícios que podem advir do uso desta estratégia.

A escolha da aprendizagem cooperativa prende-se ao facto de muitos países como os Estados Unidos, Portugal e Brasil, defenderem esta metodologia de ensino e considerarem eficaz em sala de aula, pois reconhecem que ela é capaz de promover uma aprendizagem mais activa por meio de estímulo ao pensamento crítico e ao desenvolvimento de capacidades de interacção, negociação de informação e resolução de problemas.

Este estudo é relevante pois em Moçambique não existem estudos feitos sobre esta temática. O estudo poderá também, contribuir para que os estudantes desenvolvam o espírito de solidariedade, inter-ajuda e amor ao próximo preparando-os para situações futuras na comunidade e no ambiente de trabalho, mas também fornecer aos professores ferramentas para mudarem a sua forma de atuação nas aulas, para o alcance da qualidade de ensino, como é recomendado por Henning (1994).

Aprendizagem cooperativa

A aprendizagem cooperativa é definida por Fath e Kessler citados por Lopes & Silva (2009) como o trabalho em grupo que se estrutura cuidadosamente para que todos os alunos interajam, troquem informação e possam ser avaliados de forma individual pelo seu trabalho. Aprender de forma cooperativa implica aprender com recurso ao trabalho em grupo, embora nem todas as aprendizagens realizadas em grupo possam ser consideradas trabalho cooperativo (Silva et al., 2018). Ramos et al. (2013) considera a aprendizagem cooperativa,

Uma metodologia de ensino-aprendizagem em que os alunos organizados em grupos

pequenos e heterogêneos relativamente ao sexo, idade, origem social, resultados académicos, entre outras características, trabalham em conjunto e com objectivos claramente definidos para executar uma determinada tarefa de aprendizagem (p.335).

Bessa & Fontaine (2002) referem que a aprendizagem cooperativa caracteriza-se pela divisão da turma em pequenos grupos constituídos de forma a existir uma heterogeneidade de competências no seu interior, permitindo assim que os alunos desenvolvam actividades conjuntas. Para Moreira (2019) a aprendizagem cooperativa tem ao seu dispor um conjunto de técnicas que permite organizar e orientar o ensino e aprendizagem, para que os alunos assumam diferentes papéis e aprendam a partilhar entre si o conhecimento e as tarefas que conduzam a aprendizagem.

As definições acima expostas, apresentam como denominador comum as principais características da aprendizagem cooperativa referidas por Slavin (1999) tais como: o trabalho de equipa para melhorar o desempenho das tarefas; a integração de todos os alunos e a formação de grupos mistos, heterogêneos e pequenos.

Pode-se concluir que a aprendizagem cooperativa é uma estratégia de ensino em que grupos pequenos, com estudantes de níveis diferentes de capacidades e habilidades, usam várias actividades de aprendizagem para melhorar a compreensão de algum conteúdo. Neste tipo de aprendizagem, cada membro do grupo, é responsável não somente por aprender o que está a ser ensinado, mas também por ajudar os colegas, criando uma atmosfera de realizações (Lopes; Silva, 2009).

Aprendizagem tradicional versus aprendizagem cooperativa

A educação, antes do século XX, seguia um modelo tradicional de ensino, em que o professor era o “centro” e somente ele tratava o conhecimento e transmitia-o aos estudantes. O estudante era visto como uma tábua rasa, isto é, não possuía nenhum conhecimento. O processo de ensino-aprendizagem era feito com recurso a aulas expositivas, com exercícios de memorização, leituras e repetição.

À medida que a sociedade foi evoluindo, foi surgindo a necessidade de formar cidadãos que saibam como viver em sociedade de uma forma democrática. E esta formação deveria acontecer na escola como é defendido por Arends “a sala de aula deve espelhar a sociedade como um todo e ser um laboratório para aprendizagem da vida real” (2008, p. 365). Cabe ao professor recorrer a diversas estratégias de ensino, de modo a desenvolver as capacidades e competências que os estudantes precisam para viver em sociedade.

A aprendizagem cooperativa é uma das estratégias de ensino que pode ser usada pelos professores para desenvolver nos estudantes as competências que lhe permitam viver condignamente em sociedade. Na tabela abaixo podemos ver as diferenças que existem entre a aprendizagem tradicional e a aprendizagem cooperativa de acordo com Santamaría (2006).

Tabela 1: Aprendizagem tradicional vs aprendizagem cooperativa

Aprendizagem Tradicional	Aprendizagem Cooperativa
Não existe relação entre os objectivos que cada um dos alunos procura atingir, as metas são independentes entre si.	Estabelecem-se metas que são benéficas não só para o próprio aluno mas para os demais membros da equipa.
O aluno percebe que para poder alcançar os seus objectivos e isso depende da sua capacidade e esforço, de um pouco de sorte e da própria dificuldade da tarefa.	A equipa deve trabalhar junta até que todos os membros do grupo tenham entendido e realizado a actividade com sucesso.
Existe uma motivação extrínseca, com metas orientadas para obter valorização social e recompensas externas.	Procura-se maximizar a aprendizagem individual mas ao mesmo tempo a aprendizagem dos outros.
Os alunos podem acabar por desenvolver uma percepção pessimista das suas próprias capacidades de inteligência.	Os fracassos são assumidos como falhas do grupo, e não como limitações pessoais das capacidades de um estudante.
Avaliam-se os estudantes através de provas baseadas em critérios onde cada aluno trabalha nos seus textos ou noutros materiais, de forma individual e por isso ignorando os demais.	Avalia-se o rendimento académico dos participantes bem como as relações afectivas que se estabelecem entre todos
A comunicação na sala de aula entre os colegas é desvalorizada e muitas vezes tem como consequência a aplicação de um castigo.	Baseia-se nas relações de comunicação respeitando-se as opiniões dos outros.
Transforma-se num sistema competitivo e autoritário produzindo uma estratificação social mesmo dentro da sala de aula.	É um sistema que valoriza aspectos como a socialização, a aquisição de competências sociais, o controlo dos impulsos agressivos, relatividade dos pontos de vista, o incremento das aspirações e o rendimento escolar.

Fonte: Santamaría (2006) citado por Moreira (2011, p. 67)

A grande diferença que existe entre estas duas formas de aprendizagem, reside na cooperação e na responsabilização que existe na aprendizagem cooperativa mas que não se verifica na aprendizagem tradicional. Lopes & Silva (2009) consideram que ao aprender a cooperar, a questionar e a negociar, o aluno adquire competências sociais mais sofisticadas e que se traduzem nos objectivos fundamentais da educação para o exercício da cidadania.

É necessário alterar o processo de construção de conhecimento dando ao estudante protagonismo na sua própria aprendizagem, ensinando-o a reconhecer e a resolver os conflitos de forma positiva, através da reflexão, discussão, comunicação e cooperação. Esta forma de ensinar e aprender, torna-os mais responsáveis por sua aprendizagem levando-os a assimilar conceitos e a construir conhecimentos de uma forma mais autónoma.

Benefícios e desvantagens da aprendizagem cooperativa

Numerosos estudos realizados por Johnson & Johnson (1997); Johnson, Johnson & Holubec (1999); Stainback (2001); (Pujolàs & Lago (2009) indicam que a aprendizagem em ambiente cooperativo apresenta vantagens relativamente a outras metodologias mais centradas no professor pois ela favorece o estabelecimento de relações positivas entre os alunos; fomentando a solidariedade e o respeito mútuo, bem como o sentido de responsabilidade e entre-ajuda; reforçando a coesão dentro do grupo e aumentando o nível de produtividade e rendimento académico dos alunos.

A tabela abaixo apresenta alguns benefícios da aprendizagem cooperativa na perspetiva de Lopes & Silva (2009),

Tabela 2: Benefícios da aprendizagem cooperativa

Categorias	Dimensões
Benefícios sociais	<ul style="list-style-type: none"> • Estimula e desenvolve as relações interpessoais; • Cria um sistema de apoio social mais forte; • Encoraja a responsabilidade pelos outros; • Encoraja a compreensão da diversidade; • Os alunos são ensinados a criticar ideias e não pessoas; • Fomenta o espírito de constituição de equipa.
Benefícios académicos	<ul style="list-style-type: none"> • Estimula o pensamento crítico; • Ajuda os alunos a clarificar as ideias através da discussão e debate; • Desenvolve competências de comunicação oral; • Cria um ambiente de trabalho activo, envolvente e investigativo; • Ajuda os alunos a deixarem de considerar os professores como as únicas fontes de conhecimento e saberes.

Fonte: Lopes & Silva (2009, p. 50-51)

Lopes & Silva (2009) consideram que apesar dos benefícios associados a aprendizagem cooperativa ela, como qualquer outra estratégia de ensino, apresenta desvantagens se não for usada de forma adequada, tais como: levar os alunos a viverem à margem dos outros passando a sua dependência do professor para a dependência do perito do grupo; alguns alunos aprendem a andar atrelados aos outros porque o grupo progride com ou sem as suas contribuições; a socialização e as relações interpessoais podem ter primazia sobre a aprendizagem.

Se não houver uma planificação e controlo cuidadoso por parte do professor, as interações do grupo podem ser um obstáculo à aprendizagem e deterioram, em vez de melhorar, as relações sociais na turma.

Metodologia

A presente pesquisa teve um carácter qualitativo. Na visão de Bowling (1987) citado por Azeredo (2019, p. 13) “a pesquisa qualitativa consiste no estudo dos indivíduos nos seus contextos sociais naturais recolhendo os dados que daí resultam”. O uso da abordagem qualitativa permitiu perceber as percepções dos estudantes universitários sobre o uso da aprendizagem cooperativa como metodologia de ensino no ensino superior.

A metodologia de trabalho usada foi a pesquisa-acção. “A pesquisa-acção é aquela que, além de compreender, visa intervir na situação, com vista a modificá-la” (Severino, 2016, p. 88). Enquanto se implementava a aprendizagem cooperativa, ia-se propondo alterações nas metodologias, nos exercícios, nas actividades ou na forma de interacção dos grupos, de modo a tirar maior proveito da aprendizagem.

Como instrumento de recolha de dados usou-se o questionário e o diário de aprendizagem. O questionário, constituído por perguntas abertas e fechadas, foi respondido no fim do semestre por 27 estudantes do 3º ano do curso de Licenciatura em Ensino de Química, de uma Universidade Moçambicana. O diário de aprendizagem era elaborado depois de cada aula. A estratégia de aprendizagem cooperativa foi testada nas disciplinas de Didáctica de Química III (DQ3) e Didáctica de Laboratório (DLab).

Resultados e discussões

Para a realização desta pesquisa foram elaborados grupos de 5 elementos cada. A elaboração dos grupos primou pela heterogeneidade tendo em conta o sexo e o aproveitamento pedagógico na disciplina que antecede a disciplina de DQ3, nomeadamente Didáctica de Química 2 (DQ2). A heterogeneidade na concepção de grupos de aprendizagem cooperativa é defendida por Pacheco, “na aprendizagem cooperativa, a heterogeneidade dos grupos é um dos aspectos decisivos, em relação às competências académicas e sociais e à cultura” (2019, p. 84).

Foram programadas 16 semanas de aulas, seguindo o calendário académico em vigor. As primeiras aulas foram de socialização da metodologia de trabalho que consistiu na explicação do conceito de aprendizagem cooperativa, as suas características e formas de actuação tanto por parte do professor como dos estudantes e distribuição dos temas para os seminários.

Durante as aulas, os estudantes tinham sessões de 20 a 30 minutos, iniciais, para debate e consolidação do conteúdo que já haviam previamente preparado, onde era possível observar a interacção entre os elementos dos grupos. Depois, seguia-se o momento de apresentação dos trabalhos e resposta as questões colocadas pelos colegas e pela docente e a avaliação individual e grupal dos estudantes. Depois de cada aula, cada estudante devia escrever no seu diário o que achou da interacção no seu grupo e quais os aspectos positivos e negativos que verificou na implementação

do método.

No fim do semestre os estudantes foram submetidos a um questionário. O questionário procurava perceber a opinião do estudantes sobre: o nível de satisfação em aprender em ambientes cooperativos e quais os benefício que advém do uso desta metodologia de ensino.

Sobre o nível de satisfação quanto a aprendizagem cooperativa os estudantes consideram que esta estratégia de ensino é benéfica para eles pois em grupos de aprendizagem cooperativa há troca de conhecimentos e de ideias; há interação entre os colegas; todas as ideias são consideradas válidas e eles aprendem a respeitar as opiniões dos colegas.

Os estudantes apontam dois benefícios que conseguiram ter adquirido com a aprendizagem cooperativa: aquisição de competências sociais e o melhoramento no aproveitamento pedagógico.

Os estudantes consideram ter adquirido, as seguintes competências: escutar, participar activamente e melhorar a assiduidade nas aulas com uma avaliação de “muito” e partilhar ideias, agradecer, ajudar os outros e esperar pela sua vez com uma avaliação de “bastante”, como é possível verificar na tabela abaixo:

Tabela 3: Competências adquiridas pelos estudantes

Competências (aprendeu a:)	Escala				
	Muito pouco	Pouco	Medio	Muito	Bastante
Solicitar ajuda	3	3	9	5	5
Partilhar ideias	1	2	3	10	10
Celebrar o sucesso do grupo	3	4	5	8	7
Agradecer	1	2	3	9	10
Ajudar os outros	1	0	6	7	10
Participar activamente em debates e discussões	3	2	3	11	8
Elogiar os outros	2	4	6	8	7
Seguir instruções	0	2	9	8	6
Esperar pela sua vez para falar	1	1	5	9	10
Comunicar de forma clara	2	3	6	7	8
Escutar	1	2	2	14	8
Melhorar a assiduidade nas aulas	0	2	6	10	9
Melhorar a retenção dos conhecimentos	2	0	4	9	2

Fonte: a autora

Estas respostas confirmam as palavras de Ribeiro (2016), que diz que este tipo de aprendizagem permite aos alunos a aquisição de valores e competências, bem como o desenvolvimento de atitudes ligadas à cooperação, influenciando na construção do conhecimento e de Lopes & Silva (2009) que defendem que a metodologia do trabalho de grupo, em sala de aula, promove a aprendizagem de competências sociais, competências estas, que estão representadas na tabela 2.

Ao final do semestre o aproveitamento pedagógico destes estudantes foi positivo. As pautas finais das disciplinas confirmam este facto. Na disciplina de DQ3 o aproveitamento foi de 71.4% e na disciplina de DLab foi de 76.9%. esta constatação vem confirmar as palavras de Kagan (2006) citado por Magalhães (2014, p. 15) quando diz que “mais de 1.000 estudos demonstram os efeitos positivos da aprendizagem cooperativa no desempenho académico”.

A aprendizagem cooperativa por si só não garante um aproveitamento positivo de todos os estudantes pois existem diversos factores que podem contribuir para que um ou outro estudante não alcance o aproveitamento positivo desejado. Esta ideia também é sustentada por Fontes & Freixo (2004) pois defendem que apesar de a heterogeneidade aumentar a diversidade dentro dos grupos cooperativos, ela poderá não corresponder a um aumento do aproveitamento de todos os elementos do grupo envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Os diários de aprendizagem visavam a expressão das dificuldades encontradas nos trabalhos em grupo por parte dos estudantes. A maior parte dos estudantes foi unânime em afirmar que esta estratégia de ensino era boa, mas apontaram algumas dificuldades como: divergências dentro dos grupos e fraca participação dos elementos do grupo.

As divergências em grupos de aprendizagem cooperativa são normais, visto que os estudantes estão diante de uma metodologia de ensino que os obriga a ser responsável pela aprendizagem do colega, isto é, o sucesso do grupo depende da participação de todos. Nestas situações o professor deve garantir que estas divergências não interfiram na realização do trabalho, fazendo com que os estudantes entendam que o objectivo final do grupo “é maximizar a aprendizagem de todos os seus elementos, independentemente das suas capacidades” (Moreira, 2011, p. 24).

A fraca participação de todos elementos dos grupos também foi uma preocupação dos estudantes, eles reclamaram que nem sempre todos os elementos dos grupos participavam nas actividades. Para que esta situação não aconteça é necessário que cada elemento do grupo tenha uma actividade por desenvolver. Esta ideia é reforçada por Silva et al., (2018) quando diz que o professor deve atribuir a todos os membros do grupo, papéis complementares e interligados que cada aluno deve desempenhar para que o grupo funcione e assegurar que cada aluno sabe o que tem que fazer para desempenhar de forma correcta o papel que lhe foi atribuído.

Para que um trabalho seja considerado de “trabalho do grupo” é necessário a participação activa de todos os elementos do grupo. A participação não se deve resumir a presença física dos membros do grupo, no local programado para o estudo, mas sim, ao contributo em termos de conhecimentos científicos, ajuda e respeito ao próximo. Portanto, não basta que o estudante esteja presente é necessário que ele tenha pesquisado o assunto em estudo e possa contribuir significativamente na elaboração do trabalho final do grupo. Só assim poderemos dizer que estamos diante de um grupo de trabalho.

A aquisição de competências sociais e a melhoria do aproveitamento pedagógico durante

a implementação desta metodologia de ensino leva-nos a perceber que há necessidade de as Universidades começarem a apostar numa actuação pedagógica dos docentes, mais diferenciada, que se irá repercutir num processo de ensino-aprendizagem mais participativo, cooperativo, dinâmico e inovador. Tal como refere Santos Rego (1991) “é urgente retomar um discurso pedagógico consistentemente, comprometido com a cooperação como meio de aprendizagem, de motivação e desenvolvimento humano em seu sentido mais amplo” (Moreira, 2011, p. 75).

Não são só os estudantes que se beneficiam com a aprendizagem cooperativa, o professor também acaba por se beneficiar da partilha de ideias e do debate. O professor ao pautar pelo uso da aprendizagem cooperativa terá a capacidade de modificar continuamente a sua forma de actuação e adoptar novos posicionamentos, de modo a lidar com as diferentes situações que possam surgir no exercício das suas actividades e em função das características dos seus estudantes.

A profissão de professor exige uma grande versatilidade dado que se lhe pede que actue com grande autonomia e que seja capaz de delinear e desenvolver planos de intervenção em contextos muito diferenciados (Ferreira, 2010, p. 131). Para desenvolver estas competências tão criativas e complexas não basta uma formação académica, é imprescindível uma formação profissional ao longo de toda a carreira.

Apesar dos constrangimentos associados a esta estratégia de ensino, entendemos que os benefícios associados a ela, “quando se pensa no sucesso dos alunos em função da aquisição de conhecimentos, no desenvolvimento de competências e atitudes tão diversificadas como a cooperação, a interação, a partilha, (...)” (Andrade, 2011, p. 41) superam as suas desvantagens. Por isso consideramos que ela pode ser uma mais valia no ensino superior Moçambicano.

Conclusões

A motivação para o uso da aprendizagem cooperativa em sala de aula prende-se ao facto de as competências de cooperação que podem ser aprendidas através desta forma de aprendizagem, serem uma mais-valia no futuro percurso pessoal e profissional dos estudantes e professores e poderem ser usada como ferramenta para a construção de laços entre os estudantes.

Durante a implementação da aprendizagem cooperativa notou-se que numa primeira fase os estudantes estavam um pouco receosos pelo facto de o desempenho deles depender do desempenho do colega, mas ao longo da sua implementação, em sala de aula, eles começaram a mostrar-se mais receptivos a esta estratégia pois foram tomando conhecimento dos benefícios inerentes a uma aprendizagem que prima pela inter-ajuda entre os estudantes.

Desta pesquisa podemos concluir que a aprendizagem cooperativa traz grandes benefícios para os estudantes universitários, tais como: satisfação dos estudantes em aprender em ambiente cooperativo; aquisição de competências sociais (melhorar a assiduidade nas aulas, partilhar ideias,

agradecer, ajudar os outros, esperar pela sua vez) e melhoria no aproveitamento pedagógico.

Não queremos, com este trabalho considerar a aprendizagem cooperativa a solução de todos os problemas verificados nas salas de aula, das Universidades Moçambicanas, mas consideramos que ela pode ser uma alternativa para elevar as atitudes de cooperação nos nossos estudantes. Esta ideia também é defendida por Lopes & Silva (2009) ao dizerem que a aprendizagem cooperativa não sendo a solução de todos os problemas, constitui uma alternativa válida à competição e ao individualismo, tão enraizados nas nossas escolas.

Referencias bibliográficas

AGUADO, Maria Jose. *A Educação Intercultural e Aprendizagem Cooperativa*. Porto: Porto editora, 2000.

ANDRADE, Cristina do Nascimento Romano. *Aprendizagem cooperativa: estudo com alunos do 3º CEB*. 2011. 227 f. - Instituto Politécnico de Bragança, [s. l.], 2011. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/6157>.

ARENDS, Richard. *Aprender a Ensinar*. 7a. ed. Londres: McGraw-Hill, 2008.

AZEREDO, Zaida. *Teorias e Práticas em Investigação Qualitativa*. 1. ed. Lisboa: Piaget, 2019.

BESSA, Nuno; FONTAINE, Anne Marie. *Cooperar para aprender: Uma Introdução à aprendizagem cooperativa*. Porto: ASA, 2002.

DELORS, Jacques et al. *Educação um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Séc. XXI*. Rio de Janeiro: Cortez, 1998. Disponível em: <http://scholar.google.com/r?hl=en&btnG=Search&q=intitle:Educação:+um+tesouro+a+descobrir.+Relatório+para+a+UNESCO+da+Comissão+Internacional+sobre+Educação+para+o+século+XXI#0>.

FERREIRA, Ana Maria. *Desafios da aprendizagem cooperativa no ensino secundário*. 2010. - Universidade Lusofona de Humanidade e Tecnologias, [s. l.], 2010.

FONTES, Alice; FREIXO, Ondina. *Vygotsky e a Aprendizagem Cooperativa*. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

LIMA, Ossian Gadelha D E. Perspectivas de novas metodologias no Ensino de Química. *Revista Espaço Acadêmico*, [s. l.], v. 12, n. 136, p. 95–101, 2012.

LOPES, Jose; SILVA, Helena Santos. *Aprendizagem Cooperativa em Sala de Aula*. 1. ed. Lisboa: [s. n.], 2009.

MAGALHÃES, Alice. *A aprendizagem cooperativa enquanto estratégia para promoção da atenção dos alunos*. 2014. [s. l.], 2014.

MOREIRA, Sonia. *Aprendizagem cooperativa e optimização da intervenção pedagógica no ensino básico – 1º ciclo em portugal*. 2011. 88 f. - Universidade de Santiago de Compostela, [s. l.], 2011.

MOREIRA, Sonia. *Cooperar para o Sucesso com Autonomia e Flexibilidade Curricular*. 1a. ed. Lisboa: Pactor, 2019.

RAMOS, Rita; SANTOS SILVA, María; LOPES, José. *A aprendizagem no ensino-aprendizagem das Ciências Naturais através de um método de aprendizagem cooperativa*. REEC: Revista electrónica de enseñanza de las ciencias, [s. l.], v. 12, n. 2, p. 334–346, 2013.

RIBEIRO, Ana Márcia. *O trabalho cooperativo como promotor das aprendizagens: aplicação numa turma do ensino profissional na disciplina de área de integração*. 2016. - Universidade de Lisboa, [s. l.], 2016.

SEVERINO, Antônio. *Metodologia de Trabalho Científico*. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2017.

SILVA, Helena; LOPES, José; MOREIRA, Sonia. *Cooperar na Sala de Aula para o Sucesso*. 1a. ed. Lisboa: Pactor, 2018.

SLAVIN, Robert. *GRUPO DE ESTUDIO SOBRE APRENDIZAJE COOPERATIVO: Aprendizaje cooperativo: teoría, investigación y práctica*. Buenos Aires: Aique Grupo Editor, 1999-. ISSN 01458973.

Recebido em 06 de novembro
Aceito em 11 de dezembro 2023